



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de julho de 2016

CONSEQUÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO CONCEITO DE LÍNGUA EM ANÁLISE DO DISCURSO

Jéferson Ferreira Belo¹

Resumo: Retomando o conceito de língua de Saussure e o conceito de ideologia de Althusser, este trabalho tem como objetivo apresentar as consequências teórico-metodológicas da influência do segundo conceito sobre o conceito de língua na teoria de discurso de Michel Pêcheux. Além disso, levando em consideração o problema teórico da constituição do(s) sentido(s) em relação ao sistema de uma mesma língua e de línguas distintas, tentaremos mostrar os efeitos contraditórios da indefinição do conceito de língua no trabalho de Krieg-Planque (2010). Após nossa análise, podemos indicar as seguintes consequências teórico-metodológicas: a (re)entrada, na análise, de um “formalismo” e/ou um “subjativismo”, o fato de a maioria dos estudos discursivos se darem em uma única língua e a “impossibilidade” teórica de não se poder empreender um estudo translinguístico.

Palavras-chave: língua; sentido; fórmula discursiva.

Abstract: Considering Saussure's concept of *langue* and Althusser's concept of ideology, this work aims to present the theoretical and methodological consequences of the influence of the second concept on the concept of language in Pêcheux's discourse theory. Moreover, taking into account the theoretical problem of the meaning's constitution into one language and between two different languages, we will try to show the contradictory effects of the vagueness of the concept of language in the work of Krieg-Planque (2010). After our analysis, we can indicate the following theoretical and methodological consequences: the (re) entry in the analysis of "formalism" and / or "subjectivism", the fact that most discursive studies are done in just one language and the "impossibility" to undertake a translinguistic study.

Keywords: language; meaning; discursive formula.

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar as consequências teórico-metodológicas da influência do conceito de ideologia de Althusser sobre o conceito de língua na teoria de discurso de

¹ Mestrando em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Processo nº 2015/05456-8.

² Que retoma Althusser que, por sua vez, em *Lire Le Capital I*, retoma Spinoza e Marx.

³ Segundo Milner (2012, p. 117), “[...] não são somente os puristas que, renegando ao real todo estatuto de representável, constroem-na [a língua] como objeto (a). Para todo linguista, no próprio seio da



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Michel Pêcheux. Além disso, tentaremos demonstrar os efeitos contraditórios da indefinição do conceito de língua no trabalho de Krieg-Planque (2010), principalmente no que diz respeito à questão do sentido em relação ao sistema de uma mesma língua e de línguas distintas.

O problema teórico da constituição do(s) sentido(s) instaurou-se no desenvolvimento de nossa dissertação, pois seu principal objetivo é investigar, por meio das expressões “political correctness” e “politicamente correto”, a existência de um caráter “translinguístico” das fórmulas discursivas, além dos quatro caracteres postulados por Krieg-Planque (2010). O segundo objetivo, que sustenta o primeiro, é testar a hipótese de que tanto a memória discursiva quanto as condições de produção (CP) contribuem para que uma fórmula esteja “pré-programada” a se tornar fórmula em outra língua com CP análogas às de sua gênese e/ou circulação. Apesar da análise do *corpus* da nossa pesquisa confirmar nossa hipótese, para Krieg-Planque, o estudo das fórmulas permitiria confirmar a tese de que uma língua não equivale a nenhuma outra.

É importante destacar que escolhemos discutir a constituição do conceito de língua na teoria de Pêcheux, primeiramente, porque ela é articulada, pelo menos em um primeiro momento, com outros conceitos como o de formação discursiva, o qual mobilizamos em nossa análise. Além disso, supomos que uma “solução” para o problema teórico com qual nos deparamos tenha a ver não só com as formações discursivas, mas também com a ideologia e o Estado, conceitos que Pêcheux toma de empréstimo de Althusser e que são desenvolvidos em sua teoria do discurso.

Sendo assim, a seguir, será discutido como, mesmo antes do *Curso de Linguística Geral* (CLG), o conceito de língua impede que se pense em estudos translinguísticos

. Em seguida, retomando o conceito de ideologia em Althusser, será visto como tal conceito definiu de modo contundente o conceito de língua na teoria discursiva de Michel Pêcheux. Ao final, apresentaremos alguns exemplos dados por Krieg-Planque que podem ser considerados contraditórios em relação ao conceito de língua que ela adota.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

1. O lugar da língua e do conceito de língua em AD

Falar atualmente sobre o conceito de língua em AD pode parecer, para a maioria dos analistas, um despropósito ou, na pior das hipóteses, um profundo desconhecimento da disciplina porque, para a teoria discursiva de Pêcheux, a língua é apenas uma das materialidades sobre a qual os sentidos podem ser (re)produzidos e, apesar dela ter sido a base sobre a qual os primeiros estudos discursivos se desenvolveram, são os discursos que constituem o objeto da AD, não a(s) língua(s).

Pode-se dizer, então, que a AD se interessa mais pela materialidade linguística enquanto base dos processos discursivos do que pela produção de um conceito que descreva a língua enquanto “objeto” no mundo. Sendo assim, é necessário fazer uma distinção entre *objeto real* e *objeto de conhecimento*. Segundo Henry (2013, p. 16-17)², os dois objetos, cujas natureza e materialidade são distintas, encontram-se em uma relação de contradição que só se revela historicamente na confrontação de teorias linguísticas e a prática do linguista (analista) sobre a linguagem. Desse modo, apesar de sabermos empiricamente que há contato entre línguas e a análise do *corpus* da nossa pesquisa demonstrar que os sentidos dos sintagmas estudados podem transpor as fronteiras entre línguas, tal fato não tem contrapartida na teoria, o que nos coloca diante de uma contradição. Assim sendo, neste trabalho, faremos a distinção entre língua, para fazer referência ao objeto real, e conceito de língua, para nos referir ao objeto de conhecimento.

2. O conceito de língua antes de Saussure e no CLG

É possível afirmar que, de modo geral, cada teoria linguística apresenta um conceito de língua, ou a partir de cada teoria pode-se inferir um conceito de língua. Apesar dessa variedade, talvez o conceito mais influente de língua seja o que está presente no CLG e que sempre é retomado ou para concordar com ele, ou para discordar dele. Além disso, levando em consideração que ele foi retomado também por Pêcheux para forjar seu conceito de língua, daremos atenção especial e apresentaremos uma interpretação da constituição desse conceito, tendo sempre em mente a problemática que nos interessa.

² Que retoma Althusser que, por sua vez, em *Lire Le Capital I*, retoma Spinoza e Marx.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Pode-se dizer que, antes mesmo de ser apresentado como objeto da Linguística, o conceito de língua já é efeito de escolhas filosóficas e teóricas. Na introdução do CLG, lê-se:

Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática comparada. (SAUSSURE, 2012, p. 36).

Sendo assim, o gesto fundador da nova ciência é o rompimento das relações com “as fases anteriores” da Linguística: respectivamente, a Gramática, a Filologia e a Gramática Comparada. É mais especificamente com essa última que Saussure rompe, fazendo com que a relação entre as línguas fosse pensada de outro modo, ou seja, diacronicamente, com o foco no significante, mais do que no significado.

Contrapondo-se à metáfora biologista dessas disciplinas e baseando-se nas ideias do linguista norte-americano Whitney, Saussure (2012, p. 41) afirma que a língua é uma instituição social. Analisando o CLG à luz dos manuscritos de Saussure e de algumas obras de Meillet, Puech e Radzynski (1978) sugerem que, para se resolver o problema metafísico da unidade e da pluralidade dos “falares particulares”, é introduzida a ideia de nação e “[...] a unidade se instaura, a partir de então, em um alhures fictício” (PUECH; RADZYNSKI, 1978, p. 49, nossa tradução). Consequentemente, no CLG, a língua é *um sistema* de valores puros, cuja definição “[...] supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema” (SAUSSURE, 2012, p. 53). Sendo assim, o estudo comparativo é expressamente desaconselhado pelo CLG, tanto que, teoricamente, nós só sabemos o que é uma língua em oposição à fala e não a outra língua. Além disso, apesar de o conceito de língua se apresentar como um ótimo objeto científico, ele parece não descrever, pelo menos na perspectiva em que nos encontramos, o(s) objeto(s) real(reais) ao(s) qual(is) deveria se adequar.

1.2 O conceito de ideologia de Althusser e o conceito de língua de Pêcheux

Antes de se passar à consideração de como Pêcheux se apropriou do conceito de língua de Saussure, apresentaremos a teoria geral da ideologia de Althusser que teve forte influência sobre a teoria do discurso pêcheutiana e que lançou mão explicitamente da noção de Estado.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Segundo Althusser (1980), a reprodução das condições da produção capitalista é assegurada pela manutenção dos meios (condições materiais) de produção e da força de trabalho. Em relação a esta última, sua reprodução acontece por meio do salário que o proletário recebe e de sua qualificação “profissional” e moral, o que, no final das contas, significa uma submissão à ideologia dominante. Ainda de acordo com Althusser (1980, p. 48), a ideologia dominante se mantém por meio do Estado, que se divide em Aparelho Repressivo de Estado (ARE) (a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc.) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) (a família, a escola, a religião, o sistema jurídico, o sistema político, os sindicatos, a imprensa e a cultura). Funcionando principalmente por meio da ideologia, os AIE têm sua diversidade unificada (apesar de suas contradições) pela ideologia dominante. Sendo assim, buscando forjar uma teoria geral da ideologia, Althusser afirma que toda ideologia: 1º) é uma instância cuja estrutura e funcionamento, assim como o inconsciente freudiano, não mudam ao longo da história (“não tem história”); 2º) representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência; 3º) tem uma existência material por meio de práticas em um AIE (tal afirmação é modalizada pelo autor em um momento posterior); e 4º) interpela os indivíduos como sujeitos em nome de um Sujeito Único e Absoluto.

Se se aceitar a validade da interpretação que se fez de como a unidade da língua foi postulada no CLG, pode-se observar que Althusser, para forjar uma teoria geral da ideologia, também recorre à ideia de Estado, tornando possível a análise das ideologias nas formações sociais. Nos dois casos, portanto, antes mesmo dos conceitos de língua e de ideologia serem apropriados por Pêcheux, pode-se perceber que as noções de nação e Estado, implicitamente em Saussure e explicitamente em Althusser, estão em consonância e apontam para a circunscrição de quase os mesmos elementos que estarão em causa nos futuros estudos que tomam como pressupostas as duas teorias. No caso de Althusser, sua teoria restringe o estudo das ideologias aos Estados capitalistas modernos, ou seja, compreendem-se os processos históricos a partir do final do século XVIII (tomando a França como referência). No caso de Saussure, a definição da língua decorre do simples fato de ser falada em um dado espaço geopolítico (língua oficial). Levando essas hipóteses em consideração, pode-se explicar o fato de a maioria das análises discursivas baseadas na teoria desenvolvida por Pêcheux serem



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

feitas apenas na língua oficial de um país (francês, português ou espanhol), privilegiando *corpora* contemporâneos aos analistas ou cuja densidade temporal não ultrapasse a história e os limites geográficos do país. O que se está querendo destacar é que os conceitos de língua e ideologia, sobre os quais Pêcheux baseia sua teoria do discurso, delimitam o tipo de *corpus* (sempre em uma única língua) e a delimitação temporal com as quais os analistas lidam.

Althusser (1980, p. 14-15) reconhece que o capitalista, para reproduzir seus meios de produção (matéria-prima, máquinas, edifícios, etc.), pode recorrer tanto ao mercado nacional quanto ao “mercado mundial”. No entanto, mesmo assumindo que “[...] a base [...] determina em última instância todo o edifício” (ALTHUSSER, 1980, p. 28), o autor não dá consequência a esses fatos, impossibilitando, assim, uma aproximação teórica. Sendo assim, caso os teóricos do discurso se interessassem em prover fundamentos para os estudos discursivos da relação entre línguas, a teoria de Althusser seria interessante na medida em que reconhece as relações econômicas (por extensão, ideológicas) entre Estados. É claro que, nessa teoria a ser desenvolvida, estariam incluídos elementos “conjunturais” como a Internet, que cada vez mais torna mais comum o contato não só entre sujeitos, mas também entre diferentes línguas.

Ainda em relação à teoria de Althusser, aos conceitos de ideologia e sujeito, se une a tese de que linguagem não é transparente e que pode ser observada no seguinte trecho:

Como todas as evidências, incluindo as que fazem com que uma palavra «designa uma coisa» ou «possua uma significação» (portanto incluindo as evidências da «transparência» da linguagem), esta «evidência» de que eu e você somos sujeitos - e que esse facto não constitui problema - é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, 1980 , p. 95)

Na teoria do discurso de Pêcheux, os conceitos de ideologia, de sujeito e de “linguagem” althusserianos são colocados em relação com o conceito de língua saussuriano. Sendo assim, Haroche, Pêcheux e Henry (2011, p. 13-32) fazem uma leitura do CLG considerando que Saussure tenha provocado uma ruptura epistemológica que permitiu o estudo científico da fonologia, da morfologia e da sintaxe. No entanto, os autores afirmam que o desenvolvimento da fonologia estruturalista tornou possível o retorno do empirismo em semântica, configurando-se em uma espécie de analogia teórica que seria uma invasão



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ideológica na teoria linguística. Em virtude disso, os autores propõem que a semântica seja estudada a partir de conceitos provenientes do materialismo histórico: formação ideológica e formação discursiva. Nessa nova configuração epistemológica, os autores asseveram que “[...] as palavras ‘mudam de sentido’ ao passar de uma *formação discursiva* a outra” (Haroche et al, p. 28, grifos dos autores). Desse modo, portanto, seguindo bem de perto Althusser, a língua (as palavras) não possui sentidos *a priori*.

Tal tese favorece, sem dúvida, o funcionamento do conceito de formação discursiva como dispositivo de análise ao mesmo tempo em que anula totalmente o papel da língua como provedora de sentidos. Assim, se se levar em consideração a distinção entre objeto real e objeto de conhecimento, pode-se dizer que, enquanto teoricamente o conceito de língua é bastante razoável, empiricamente talvez não seja possível ao analista ter um poder tão grande de abstração em relação a todas as palavras da língua. Desse modo, pode-se afirmar que o analista pode sustentar que uma dada palavra tem certo sentido em uma formação discursiva com base no seu *corpus*, mas não seria exagero afirmar que as palavras cujos sentidos não podem ser recuperadas por meio do metadiscurso ou por meio do interdiscurso são inevitavelmente atribuídas pelo analista, seja a partir do que ele “sabe” da língua, ou a partir de outras análises que já fez.³

Nesse sentido, os analistas do discurso, que são em sua maioria linguistas, encontram-se em uma posição bastante privilegiada, pois, além de serem falantes nativos da língua na qual são produzidos os discursos que eles analisam, conhecendo os matizes de sentido que as palavras podem ter, os pesquisadores também têm acesso a diversas ferramentas e metodologias de teorias linguísticas como as enunciativas.

3. A indefinição do conceito de língua

Ao propor a noção de fórmula, Krieg-Planque adota o campo teórico-metodológico da AD e em relação ao conceito de língua, a autora recorre, pelo menos explicitamente, a

³ Segundo Milner (2012, p. 117), “[...] não são somente os puristas que, renegando ao real todo estatuto de representável, constroem-na [a língua] como objeto (*a*). Para todo linguista, no próprio seio da representabilidade, está permitido o acesso a uma via análoga: reconhecer que um sujeito dá indícios em seu objeto e que ele pode – sem ser preciso figurá-lo demais –, com esse indício, causar seu desejo.”



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

diversos autores: Kerleroux, Pêcheux, Culioli, Benveniste e Milner. Partindo dos resultados de seus trabalhos, Krieg-Planque assevera que:

O estudo minucioso de um *corpus* oferece mais de uma chance de confirmar a tese segundo a qual uma língua — entendida ao mesmo tempo como sistema autorreflexivo dotado de uma dupla significância e como “modo singular de produzir equívoco”, ambiguidade, polissemia — não equivale a nenhuma outra. Um estudo como esse permite também observar que a singularidade de cada língua determina, em parte, o que se diz nos discursos, como questões políticas e sociais. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 75).

Da tese que a autora apresenta, pode-se inferir que as línguas não mantêm contato entre si e que os sentidos não são “transmitidos” de uma língua a outra, ou seja, assim como em Saussure e Pêcheux, o conceito de língua apresentado contraria a hipótese de nossa pesquisa. Apesar da análise do nosso *corpus* permitir contrapor a tese da autora, neste trabalho, tentaremos mostrar os efeitos contraditórios da indefinição do conceito de língua no trabalho da analista do discurso.

Segundo Krieg-Planque (2010, p. 71), para que um sintagma seja considerado fórmula, ele deve ter, dentre outras propriedades, um caráter cristalizado. E uma das características da cristalização é a concisão, ou seja, para que a fórmula possa circular, permitindo que ela seja reafirmada ou recusada, é necessária certa concisão. Desse modo, à medida que a sua circulação aumenta, a tendência é que as fórmulas tenham suas formas significantes reduzidas por siglação, apagamento de unidade lexical, aférese (supressão de fonemas iniciais de uma palavra) ou apócope (supressão de fonemas finais de uma palavra). Além disso, segundo Krieg-Planque (2010, p. 73), a redução permite, pelo menos em relação aos exemplos que apresenta, um relativo desaparecimento do sentido do segmento apagado, o que leva a uma flutuação semântica, conferindo à fórmula um caráter polêmico e possibilitando que ela seja utilizada para designar outros objetos ou ser utilizada em outros discursos.

A autora assume, então, que as palavras possuem sentidos *a priori*, pois eles podem desaparecer quando seu segmento significativo “correspondente” é apagado e isso faz com que seja possível uma palavra ou sintagma circular em campos discursivos diferentes do qual a palavra ou o sintagma emergiu. Sendo assim, a autora parece concordar com o conceito de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

língua que figura no CLG. Apesar disso, Krieg-Planque (2010, p. 68) apresenta o sintagma “mauvaise graisse” (gordura ruim) como fórmula e que é utilizada por Alain Jupé, enquanto primeiro-ministro, para designar o funcionalismo público (principalmente o da área educacional) que, em sua opinião, é muito numeroso e pouco ativo. Nesse caso, a fórmula em questão pode ser interpretada como uma metáfora em que a gravidade da “gordura ruim” pode representar para o corpo humano (por exemplo) é comparável ao oneroso funcionalismo público. Assim sendo, pelo menos em relação a esse exemplo, parece não ser necessário que haja certa concisão ou redução do sintagma para que ele circule em outros discursos, já que, de início, a relação entre dois campos discursivos já está posta. Ou seja, o sentido que “gordura ruim” tem em um discurso leigo sobre a saúde não impede que esse sintagma circule no discurso político. Aliás, esse sentido é condição necessária para que a metáfora ocorra e que se possam interpretar seus efeitos.

Já em relação à correspondência de sentido entre fórmulas pertencentes a duas línguas diferentes, segundo Krieg-Planque (2010, p. 80):

Não é só por semelhança formal, como “efeitos de tradução” dos quais conviria desconfiar, que o sintagma “purification ethnique” é chamado a ser visto como um avatar do termo “judenrein” (termo do vocabulário nazista que traduziremos, por falta de melhor expressão, como “pur de juif” [purificado de judeu]), mas pelo parentesco nocional e referencial que essas duas sequências têm aos olhos de certos locutores. Trata-se de uma memória discursiva, mais ou menos partilhada, que opera nas formas do léxico, mas também à revelia delas, e se põe a trabalhar. Não é por parentesco lexical — uma vez que não há — que “ethnique” é aproximado de “racial”, mas por recobrimento nos usos do primeiro termo pelo segundo.

No trecho destacado, o conceito de língua mobilizado parece ser o defendido por Pêcheux, ou seja, as palavras não possuem sentidos *a priori*. Além disso, considerando que a autora defende a tese segundo a qual “[...] a singularidade de cada língua determina, em parte, o que se diz nos discursos, como questões políticas e sociais” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 75), pode-se dizer que o dado apresentado é um contraexemplo da tese defendida, pois, apesar de os dois sintagmas estarem cristalizados em línguas diferentes, em países distintos, eles podem estar ligados por um “parentesco nocional e referencial”.

Desse modo, portanto, nota-se que, nos dois casos retirados do livro de Krieg-Planque, a indefinição do conceito de língua em relação à constituição dos sentidos não só em relação



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ao próprio sistema da língua mas também em relação ao contato entre dois sistemas distintos compromete os postulados relacionados aos demais dados de sua análise. Percebe-se, então, que, para sustentar a análise de dados que não confirmam seus postulados, a analista recorre ao mesmo tempo a duas ideias contraditórias sobre a relação entre sentido e língua, ou seja, a ideia de que a língua é um sistema de valores puros e a ideia de que a língua não possui sentidos *a priori*.

Considerações finais

Do que foi dito até aqui, pode-se afirmar que, com as variantes linguísticas sendo individualizadas em uma língua e as ideologias estando comportadas no interior de um Estado-nação, o analista já tem pré-estabelecidos o recorte espaço-temporal de seu objeto de pesquisa. Desse modo, privilegiam-se os estudos discursivos em uma única língua (a do analista) concernentes à história de seu país, como se ele não tivesse contato com outros Estados economicamente e ideologicamente, tanto fisicamente como virtualmente por meio da Internet. Nesse sentido, a AD se constituiria em uma espécie de autoetnografia, decorrendo disso a “impossibilidade” teórica de não se poder empreender um estudo translinguístico.

Além disso, a indefinição do conceito de língua e de sua insuficiência na descrição da heterogeneidade e da complexidade de seu funcionamento em relação ao discurso pode ter como consequência a (re)entrada, na análise, de um “formalismo” (algumas palavras teriam previamente um sentido) e/ou um “subjetivismo” (o analista provê os sentidos das palavras que o estudo do *corpus* ou do interdiscurso não disponibiliza).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise do Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2013.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em análise do discurso*. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MILNER, J-C. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

PUECH, C.; RADZYNSKI, A. *La langue comme fait social: fonction d’une évidence*. Langages, Paris, n. 49, 1978.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 34. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2012.